

# Cadernos Espinosanos



ESPECIAL MARILENA CHAUI

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 36 jan-jun 2017 ISSN 1413-6651

IMAGEM foto dos livros de Marilena Chaui por Henrique Piccinato Xavier

QUANDO MARILENA CHAUI  
ENCONTROU O DEUS DE ESPINOSA

Marcos Ferreira de Paula

Professor, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil

marcosfdepaula@yahoo.fr

RESUMO: Dois episódios marcaram a formação de Marilena Chaui e a transformaram numa das maiores filósofas contemporâneas. Este artigo trata desses dois episódios.

PALAVRAS-CHAVE: Chaui, Parmênides, Heráclito, Espinosa, Lívio Teixeira.

A filosofia grega antiga nos legou essa coisa imensa, extraordinária, gigantesca, que é o conceito, isso que, como sabemos, é muito mais do que um construto do sujeito, é muito mais do que mera representação, é muito mais do que um nada de consciência que, do alto da sua liberdade, se põe diante ou em oposição às determinações do Ser e da história.

A criação e busca do conceito era na Antiguidade inseparável dos esforços de compreensão de si, do mundo, da natureza e da cidade. E para quê? Para que a vida, tanto em sua dimensão mais pessoal quanto em sua dimensão política, não fosse vivida sem ser pensada, não transcorresse sob as injunções do consentimento imediato. O conceito era portanto inseparável da vida, porque o trabalho humano de conhecer era ele mesmo uma maneira de viver. Filosofar era um modo de vida.

Isso fica ainda mais claro no segundo período da grande filosofia antiga, que foi o Helenismo. Particularmente os estoicos exerceram a filosofia como um modo de viver, jamais separando, a rigor, conhecimento e sabedoria.

Quanto a isso, a nossa filósofa Marilena Chaui em nada ficou a dever aos antigos. Lembro-me de uma fala sua, por ocasião do lançamento de seu livro *Introdução à História da Filosofia, volume II*, que trata do período helenístico, na qual Marilena dizia que havia experimentado um enorme prazer em escrever aquele volume, porque ela se identificava com muitos pensadores daquelas escolas de pensamento, para os quais a filosofia não era um exercício ou atividade qualquer, nem muito menos uma profissão, como poderia ser hoje em dia, mas antes um verdadeiro modo de viver – em alguns casos, a *melhor* maneira de viver.

Se filosofar é um gesto de amor pela sabedoria, se ela é o exercício do pensamento como um modo de vida, e um modo de vida no qual se busca, pela compreensão e pelo trabalho do conceito, o melhor para si e para o outro, então Marilena Chaui é uma grande filósofa.

Isto nós já sabemos. Mas como é que essa grande filósofa se tornou uma? Bom, podemos prever e esperar que futuras biografias, boas e sérias, responderão a essa pergunta com mais propriedade do que farei aqui. Gostaria apenas de comentar dois episódios biográficos, narrados pela própria professora Marilena em algumas entrevistas, e que marcaram decisivamente sua trajetória e formação filosófica.

O primeiro ocorreu ainda no primeiro ano do colegial. A jovem Marilena não tinha mais do que 15 ou 16 anos, quando, no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, na rua São Joaquim, em São Paulo, se deparou com a “figura definitiva” de um professor de filosofia, João Villalobos, que “sem nenhuma introdução, expôs Heráclito e, em seguida, Parmênides”, como ela conta. E, então, o que ocorreu? “Fiquei absolutamente fascinada”, diz Marilena,

Fiquei absolutamente fascinada, não tanto porque eu fosse capaz de compreender o significado do que estava sendo exposto, mas por ver, pela primeira vez em estado puro, o pensamento funcionando. A ideia de que o pensamento trabalha, e trabalha num registro que destrói todas as certezas visíveis, imediatas, foi uma descoberta espantosa. Sobretudo o modo como o professor apresentou os filósofos. Era inconcebível que tudo pudesse ser movimento, pois a sensação da permanência é muito forte e, de repente, alguém, através exclusivamente da operação intelectual, demonstra que tudo é movimento. E quando você começa a se convencer dessa mobilidade, você descobre que o pensamento é capaz de trabalhar no sentido inverso e provar que a verdade é a identidade, a imobilidade. Demorou muito tempo para que eu

pudesse saber o que isso queria dizer, mas o fascínio, na época, foi descobrir o trabalho do pensamento. Foi decisivo para mim. Houve um tempo em que eu havia pensado em fazer Letras, mas a descoberta da Filosofia mudou meu rumo. (CHAUI, 1982, p. 5-6.)

Eis o fascínio de Marilena: o trabalho do pensamento. Em outra entrevista, ela dirá: “Pela primeira vez eu descobria que pensamento é capaz de falar de si mesmo, e que a linguagem é capaz de falar de si mesma”. Pensamento, linguagem...

Com a exposição do pensamento de Heráclito, a jovem Marilena certamente deve ter-se deparado com algo que depois se tornou claríssimo. Tudo é transformação, o tempo todo, ainda que a aparência pareça muitas vezes dizer exatamente o contrário, como naquele fragmento de Kafka, “As árvores”, no qual ele diz que parece ser possível empurrar facilmente um tronco de árvore na neve, que, no entanto, está firmemente fincado no chão. “Mas veja”, escreve Kafka, “até isso é só aparente”. Nada é fixo, nada é permanente, tudo é transitório. E, no entanto, as transformações não são nem arbitrárias, nem caóticas. Já em Heráclito tudo acontece segundo o *Logos*, essa razão das coisas, essa *ratio* das mudanças, essa proporção intrinsecamente regulada. E essa *lei cósmica* de tudo – para usar uma expressão de alguns historiadores da filosofia – é da ordem do invisível, só o pensamento pode captá-la, pode demonstrá-la, e a linguagem pode exprimir esse pensamento. Ainda que não explicitamente formulado assim, foi certamente isso o que então fascinou a jovem Marilena.

E então vem o Parmênides e diz o contrário: tudo é identidade, fixo e imóvel. “O ser é, o nada não é. O ser pode ser dito e pensado; o nada não é, e por isso não pode ser pensado nem dito; ser e pensar são o

mesmo, e portanto o nada é não-ser impensável. Ser e dizer é o mesmo, e portanto o nada é não-ser indizível”. O que encantou Marilena, nesse pensamento, foi aquilo que, para alguns intérpretes, significou a fundação da lógica: o ser é o ser (princípio de identidade); o seu contrário, o não-ser, não é (princípio de não-contradição). Mas também, ainda que não fosse então tão claro, aquilo que, para muitos, Parmênides descobre pela primeira vez, e que é, nas palavras da própria Marilena, a “Lei fundamental do pensamento verdadeiro, pela qual é impossível afirmar ao mesmo tempo uma coisa e seu contrário” (p.90). Não foi a forma poema, o que encantou Marilena; não foi a mera linguagem (fosse isso e ela teria ido fazer letras). Foi sua capacidade de dizer, de exprimir a verdade, o pensamento verdadeiro. Nesse sentido, Parmênides não era apenas a descoberta da lógica, mas de algum modo dizia a eternidade do Ser. O caráter fundador da ontologia de Parmênides, com o seu pensamento do *tó eón* (o ente), *mè eón* (não-ente), seduziu a jovem Marilena...

Esse primeiro encontro com a filosofia não foi mero contato. Significou muito, foi decisivo, como ela disse, porque foi a descoberta do pensamento e da linguagem, a potência que temos para pensar e dizer o ser, o real, em sua verdade. Tudo bem que Heráclito e Parmênides pareciam se contradizer frontalmente. Mais tarde a filósofa Chaui iria interpretar o legado que ambos deixaram para os filósofos antigos posteriores, que tiveram que resolver o problema por eles deixado. Mas o mais importante é a descoberta do pensamento e da linguagem “em estado puro”, como ela disse. “Fiquei fascinada” – ou seja, encantada, deslumbrada, apaixonada. Ali já nascia a filósofa, porque emergia a alegria de conhecer, a alegria de saber que podemos pensar e ainda podemos dizer, exprimir o que conhecemos, isto é, partilhar, comunicar o conhecimento.

Por isso mesmo, esse primeiro momento prepara o segundo. Se aos dezesseis anos Marilena desperta definitivamente para a filosofia, alguns anos mais tarde, já na Faculdade de Filosofia da USP, ainda na Rua Maria Antônia, Marilena irá despertar para a filosofia de Espinosa. Foi assim. Ou melhor: foi mais ou menos assim. O professor Lívio Teixeira estava dando uma aula sobre a Parte v da *Ética* de Espinosa, falando sobre o deus de Espinosa. Numa época em que era muito pouco comum alunos intervirem durante a exposição de um professor, Marilena se levanta, no fundo da sala, e praticamente grita: “Professor, eu procurei isso a minha vida inteira! É a primeira vez que ouço alguém falar nesse Deus que eu busquei a minha vida inteira!”. Ouvindo isso, o professor Lívio respondeu: “Senhorita Marilena, é a primeira vez que eu vejo o amor intelectual de Deus em ato”.

Nascia ali a Marilena espinosana, que mais tarde iria se tornar uma das maiores intérpretes da obra de Espinosa – a maior, na minha opinião. Esse segundo momento foi igualmente decisivo, mas foi ainda mais importante, porque ele emergia de questões existenciais prementes, antes de tudo o problema da “liberdade culpada”, como diz Marilena. Pela primeira vez Marilena se dava conta de que uma liberdade e felicidade, não só eram realmente concebíveis e alcançáveis, mas o eram no seio da própria filosofia, através do trabalho do pensamento.

Se o primeiro momento, do encanto, do deslumbramento, do fascínio com o pensamento e a linguagem em estado puro, prepara esse segundo momento, é porque já era o contato com a alegria de conhecer, de pensar e de exprimir verdades. Ou seja, aos dezesseis anos, Marilena teve seu primeiro contato mais íntimo, mas não claro, com o amor intelectual filosófico. Na faculdade, esse amor se sabe a si e se realiza plenamente.



É que a Parte v da *Ética*, como sabemos, identifica liberdade e potência do intelecto. Liberdade, em Espinosa, é o outro nome para felicidade ou beatitude. Podemos imaginar o que significou essa descoberta do amor intelectual de Deus para essa jovem filósofa de Pindorama, de formação católica. Podemos imaginar o quanto ela se libera enfim do problema da culpa imaginária, ao mesmo tempo em que escapava definitivamente daquilo que podemos chamar de vertente judaico-cristã da filosofia – e nós sabemos o quanto essa vertente é forte historicamente; ela inclui até um Hegel, para dar um exemplo. Foi uma verdadeira libertação. Libertação afetiva, libertação filosófica, libertação política. Para alegria de todos nós, nascia então a grande filósofa Marilena Chaui.

## WHEN MARILENA CHAUI MET THE GOD OF SPINOZA

ABSTRACT: Two episodes marked the formation of Marilena Chaui and made her one of the greatest contemporary philosophers. This article deals with these two episodes.

KEYWORDS: Chaui, Parmenides, Heraclitus, Spinoza, Lívio Teixeira.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHAUI, MARILENA (1982) “Entrevista com Marilena Chaui”, in: Revista Trans/Form/Ação. São Paulo, vol. 5, 125p., 1982, p. 5-34.